

A FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Iran Cardoso BILHEIRO¹

Gilson RIBEIRO²

Heverton CANDEU³

Michel Dionísio de SOUZA⁴

RESUMO: considerando a constatação do grande desinteresse pela Filosofia, por parte do público discente que atuam nos estabelecimentos de ensino. Considerando também, a eficaz utilização desta disciplina como elemento norteador para a aprendizagem das demais. Considerando ainda, a necessidade de se buscar as causas deste evento nocivo ao pleno desenvolvimento do homem na sua intelectualidade, bem como apontar possíveis soluções. Trazemos dentro deste diapasão, o presente trabalho, com o objetivo primordial de instrumentalizar por meio de uma metodologia observacional e bibliográfica a melhor maneira de verificar as causas e efeitos pertinentes ao ensino/aprendizagem da Filosofia. Isto posto, há de ponderar a necessidade de mergulhar de forma mais profunda pelos caminhos percorridos por esta ciência, buscando trazer à baila as suas contribuições para todos os campos do saber. Todavia, não se pode olvidar que, a Filosofia foi o carro chefe da disseminação do conhecimento, trazendo assim, significativa contribuição para o saber científico. Entretanto, é possível, que, dado a pulverização do saber científico ocorrido a partir do século XV, houve uma disposição de tornar a filosofia uma ciência isolada das demais. Acredita-se que isto tenha se dado, haja vista, o perfil teológico agregado à ela pela Igreja católica. Entretanto, o que se pretende aqui neste trabalho, é realçar o caráter *latu senso* desta ciência, que uma vez, tendo pensadores de primeira grandeza como foram Sócrates, Platão e Aristóteles, permaneceu em evidência contemporânea nos ambientes acadêmicos, nas instituições estatais e até mesmo nas ruas, confirmando assim a hipótese real de sua utilidade em todos os campos do saber, tanto ao senso comum como ao científico.

PALAVRA CHAVE: Filosofia. Ciência. Ética. Interdisciplinaridade.

Indispensabilidade.

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmico de Direito da Faculdade Santa Cruz de Curitiba, Paraná. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Tocantins. Especialização em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Barão de Mauá do Município de Ribeirão Preto, São Paulo. Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail do autor: agosto.cardoso@bol.com.br

² Acadêmico de Direito da Faculdade Santa Cruz de Curitiba, Paraná, E-mail falecomgilso@hotmail.com.

³ Acadêmico de Direito da Faculdade Santa Cruz de Curitiba, Paraná, E-mail heverton_candeu@hotmail.com.

⁴ Michael Dionísio de SOUZA, graduado em Direito pela UFPR e Mestre em Direito do Estado pelo Programa de Pós Graduação em Direito da UFPR, membro do núcleo de Pesquisa, História Direito e subjetividade e docente das Faculdades Santa Cruz, e-mail para contato: michael@historiadodireito.com.br

A Filosofia numa perspectiva Científica e interdisciplinar tem disponibilizado grandes contribuições para o desenvolvimento intelectual da humanidade. No decorrer desta pesquisa, apresentaremos estas possibilidades de uma forma simplificada. Tais ponderações se devem ao grande nível de influência que a Filosofia recobre os demais campos do saber. Explico: A medicina é uma ciência que tem por finalidade o estudo das patologias, a prevenção destas e, também a intervenção no intuito de curar o homem de tais patologias. Para tanto esta ciência é um instrumento utilizado pelo próprio homem que em um determinado momento de sua vida, buscou o conhecimento científico e uma vez se apropriando deste conhecimento, se tornou um médico. Para **ARANHA** (1993, p.87):

A filosofia não faz juízos de realidade, como a ciência, mas juízos de valor. O filósofo parte da experiência vivida do homem trabalhando na linha de montagem, repetindo sempre o mesmo gesto, e vai além dessa constatação. Não vê apenas como é, mas como deveria ser. Julga o valor da ação, sai em busca do significado dela.

Assim, numa perspectiva hipotética pode acontecer da relação homem/conhecimento, surgira possibilidade de haver um destaque que dirá se este ou aquele é o melhor médico. E este diferencial caso ocorra, passará pela necessária utilidade da filosofia, que voluntária ou involuntariamente será empregada neste relacionamento. Pois, em sua essência epistemológica, se atribui a esta ciência uma denominação que é a pavimentação para o sucesso da internalização da competência. A saber: “o desejo, o amor a este conhecimento”. Por conseguinte, há que se entender o quanto melhor adquire conhecimento, aquele que a isto se dedica de uma forma voluntária, ou seja, como aquele que vai a fonte das águas límpidas tendo a sede como instrumento de opressão.

Em consequência, da vontade de obter o conhecimento pelo simples fato de amar o conhecimento, pode-se alcançara posição de destaque em relação a este conhecimento. Entretanto, trazendo para dentro deste trabalho, as classificações Aristotélicas, há que se dedicar especial atenção na classificação das relações, precisamente as relações predicativas inerentes ao amor. Porém, há situações outras, que, por não seguir um conjunto de preceitos indispensáveis ao sucesso do objetivo pretendido, acaba por quedar frustrado. Não obstante outros obstáculos, a

fadiga tem sido um vilão na vida das pessoas, obstruindo, contaminando a aquisição do puro saber científico. Portanto, deve se ater as classificações de Aristóteles e aplicá-las nestes termos.

Senão vejamos: Quanto à quantidade, podemos relacioná-la há quanto tempo seria necessário de dedicação para assimilar determinado conteúdo do curso de matemática. Certo? Então, uma vez verificado o tempo necessário para este processo, poder-se-ia estar qualificando este tempo, ou seja, de que forma este tempo poderia oferecer melhor qualidade para o desenvolvimento da aprendizagem. Seria rentável se fosse dividido em três etapas com intervalos para descanso, ou poderia buscar outra forma de melhorar a qualidade da quantidade? Diante das explanações retro, parece que fica explícito o envolvimento intrínseco das contribuições filosóficas para fechar uma convicção inequívoca de sua real aplicabilidade em todos os campos do saber.

A FILOSOFIA ENQUANTO CIÊNCIA

Considerando que a Filosofia é o estudo fundamental dos problemas relacionados ao conhecimento, aos valores morais e estéticos, à existência, à verdade, à mente e à linguagem, se torna irracional nega-lhe a condição de ciência. Nesta esteira, o termo ciência se aplica ao método de obter conhecimento por um método sistematizado. Portanto, se a Filosofia detém a propriedade dos predicados acima mencionados e a considerar os métodos científicos que temos, tais como: indutivo, dedutivo, observacional, experimental, estudo de casos e tantos outros, bastaria para tanto, lhe dar os devidos créditos de tudo que o homem tem comprovado nesta categoria, é provar a sua condição de ciência. Segundo **RUSSEL** (2009,p.4):

Todo conhecimento definido pertence à ciência; e todo dogma quanto ao que ultrapassa o conhecimento definido pertence à teologia. Mas entre a teologia e a ciência existe uma terra de ninguém exposta aos ataques de ambos os campos: essa terra de ninguém é a filosofia.

Neste pensamento de Russel se estabiliza a contribuição da filosofia numa perspectiva abrangente, ou seja, a filosofia se consagra como um elo produtor do conhecimento científico que busca de forma racional explicar a existência das coisas. Portanto, dado o fiel caráter da ciência em se pautar pela busca exaustiva de explicar a existência das coisas, não poderia em hipótese alguma negar esta condição à Filosofia. Posto que a mesma tenha se ocupado deste ofício a mais de

dois mil anos. Desta forma, salvo raras exceções, a Filosofia manteve a supremacia de suas verificações e classificações inerentes ao universo. Esta ciência teve um perfil universal de portadora das demais ciências que vigorou de séculos antes de Cristo até a Idade Média, quando começou a surgir uma fragmentação do conhecimento. Esta fragmentação pode se explicada em função do aumento demográfico e da complexidade que isto acarretou aos campos do conhecimento.

Não obstante outras possibilidades, esta tese se torna uma das hipóteses dignas de ser acolhida, haja vista, que a demanda por buscas, soluções e explicações das coisas tenha se tornado excessivamente pesada para a quantidade de pensadores da época. Também estava na contra mão, o conceito de homens pagãos ou infiéis que a Igreja imprimia em muitos dos que se diziam Filósofos. Tanto é verificável isto, que Santo Agostinho e Santo Tomas de Aquino, embora se enquadrassem perfeitamente na condição de Filósofo, ainda assim fugiam dessa qualificação. Por outro lado é salutar observar que a Filosofia tributa ao homem uma qualificação ética e moral para exercício da vida em sociedade e que por esta atribuição o filósofo deveria ser a pessoa primeira desta qualificação. Isto sem sombra de duvida foi e será um empecilho para o surgimento de novos Filósofos. Nas suas pesquisas observacionais **Vygotsky** (2000, p.21) conclui que:

A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão. Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação. Essas observações me levam a concluir que as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos. Essa unidade de percepção, fala e ação, que, em última instância, provoca a internalização do campo visual, constitui o objeto central de qualquer análise da origem das formas caracteristicamente humanas de comportamento.

Nesta observação, pode-se propor um parâmetro para correlacionar os estudos de Vygotsky por meio de metodologia sistemática onde o mesmo se dedica a entender o desenvolvimento mental do ser humano. O que converge esplendidamente para adentrar em uma das propriedades objetos de estudo da Filosofia. A saber: a mente. Portanto, a ciência moderna tem feito constante utilização de pesquisas e com grandes descobertas, em áreas consideradas à muito como sendo inerentes a Filosofia.

Assim a Filosofia enquanto ciência não pode em hipótese alguma ser olvidada do seu caráter multidisciplinar, bem como de sua indispensável participação

na construção de todo e qualquer saber. Entretanto, vê-se em muitos momentos do processo acadêmico formativo, uma desmotivação quase que generalizada dos sujeitos do processo. Seria como se tivesse que inventar uma nova ciência para ensinar os alunos a se interessar por aquela. Provavelmente estamos diante de uma possibilidade de explicarmos o motivo de tanto insucesso da pessoa humana enquanto sujeito profissional, ético e filosófico. Restando a alternativa de explosão da caverna para esperar resultado de fuga dessas massas ao encontro com a razão.

A INDISPENSABILIDADE DA FILOSOFIA

Neste sub-tópico, apresentaremos algumas fundamentações básicas da real necessidade de lançarmos os preceitos da filosofia sobre toda e qualquer situação. No período pré-socrático e durante boa parte da Idade Média a Filosofia detinha a prerrogativa de ensinar o homem nos diversas áreas do conhecimento. O exemplo, citamos Aristóteles que foi designado para educar Alexandre enquanto príncipe da Macedônia, o que corroborou para determinar o caráter pedagógico da filosofia. Segundo **Piaget** (1969.p.2):

“A filosofia tem sua razão de ser e deve-se mesmo reconhecer que todo homem que não passou por ela é incuravelmente incompleto”.

Dentro desta concepção, Piaget dá indícios de que em um determinado momento de sua carreira tenha reconhecido o real valor da filosofia para o desenvolvimento da humanidade. Entretanto, nesta mesma obra o autor demonstra que buscou pavimentar suas pesquisas psicológicas separadamente das interferências filosóficas. Diante desta premissa, e em análise do que poderia tê-lo influenciado a se apartar da filosofia, restou verificado que ele padeceu uma influência de um contemporâneo. Posto, que o preço a se pagar para deter o título de Filósofo e se manter-se de acordo com suas normas, via de regra é inacessível a todo aquele que não consegue trilhar o verdadeiro caminho da ética. Não aquela ética no sentido stricto, mas no sentido lato.

De modo que esta ética tenha no seu rol de predicados, o amor, a dignidade, a fidelidade, a moral, a piedade, a humildade, a solidariedade, a sobriedade e a gratidão. Por conseguinte todo aquele que tiver o privilegio de preservar esses adjetivos, estará realmente pronto para alcançar o sucesso. Entretanto, reter estes adjetivos requer um grau altíssimo de esforço, o que faz com que muitos prefiram se absterem do sacrifício, ficando assim condicionado àquilo que Piaget dissera no momento que se encontrava encantado pela filosofia. Qual seja:

Diante desta exposição pode-se afirmar que a filosofia encanta e seduz. Todavia, quando Piaget intitula o livro com o nome sabedorias e ilusões da filosofia, há que se fazer justiça para com a Filosofia, e dizer que as ilusões se dão pelo fato de que muitos se desiludem por não reunirem qualidades suficientes para se

manterem em suas fileiras e obter os benefícios proposto por esta, que é sem dúvida a ciência das ciências. Assim, a razão de ser das coisas apesar de estarem evidenciadas em si mesmas, nem sempre esta coisa estará à disposição de qualquer um, ou seja, qualquer um terá que reunir uma quantidade de pressupostos que deverão essencialmente manter uma relação estritamente pura com esta coisa.

O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA FILOSOFIA

Epistemologicamente a interdisciplinaridade se trata de um modelo contemporâneo de integralização entre conteúdos de disciplinas distintas, que surgiu com o advento da Lei 9394/96(LDB). Entretanto, a sensação que se tem é a de que este evento (Interdisciplinaridade) já tenha existido em tempos remotos. Por exemplo, dentro da obra *Categorias* de Aristóteles, vê-se uma apresentação preocupante do Autor em dar embasamento à classificação das coisas. Isto sugere o perfil pedagógico do Filósofo Cientista e vem dar um viés gramatical ao caso. Outro indicio desta interdisciplinaridade pode ser aferida com a Metodologia empregada na escola fundada por Aristóteles em 335 a.C. Nela se explorava o conhecimento sobre, lógica, física, meta física, retórica, política e literatura.

Posto que o desenvolvimento destes conhecimentos dentro de um Centro Cultural predominantemente Aristotélico torna-se inconcebível não atribuir a possibilidade integralizada destes saberes e, contudo capitaneados pela filosofia. Todavia, ao se observar que a busca por uma metodologia de ensino aprendizagem que seja mais eficaz não é prioridade contemporânea, e fundamentando este modelo Aristotélico de disseminação, não resta duvida da existência e aplicabilidade da interdisciplinaridade já naqueles tempos. Para **Aranha** (1993, p.21):

A inclusão do curso de filosofia no currículo das escolas de 2º grau e nas séries iniciais do 3º grau talvez leve algumas pessoas a considerarem que só os alunos de ciências humanas deveriam se ocupar com seu estudo, e não os futuros engenheiros, médicos, comerciantes, técnicos e profissionais da área de ciências exatas e biológicas. Ao contrário, defendemos a ideia de que a iniciação filosófica não só é necessária como também deveria ser obrigatória do ponto de vista pedagógico, por ser muito importante para a formação integral de todos os alunos. Porque, ao estimular a elaboração do pensamento abstrato, a filosofia ajuda a promover a passagem do mundo infantil ao mundo adulto.

Neste raciocínio, a autora acerta de forma convincente, os pressupostos da filosofia, a colocando como uma porta de entrada para o sucesso das demais ciências. Contudo, não se pode olvidar que para alcançar a excelência filosófica, necessário se faz observar as suas normas. Aristóteles já consagrara estas normas por ocasião da sua teoria da felicidade, bem como o caminho mais seguro para

atingi-la, a saber: a ética. Temo este que possivelmente seja o mais intransponível dos obstáculos a ser superado, quando o objetivo é buscar a excelência.

CONCLUINDO

Pelas pesquisas literárias realizadas sobre o surgimento e desenvolvimento da filosofia ao longo desses quase três mil anos, pudemos formar uma concepção mais sólida da necessidade de entender os objetivos da Filosofia. Como disse Piaget, a filosofia realmente tem sua razão de ser e aquele que não passou por ela estará incuravelmente incompleto. Dentro desta percepção, nos rendemos persuadidos pela eminente aplicação dos seus conceitos dentro dos campos do Saber. Vemos nas teorias Aristotélicas a integralização necessária para a assimilação de forma clássica dos conteúdos necessários a aquisição das competências.

Entretanto, o que se verifica (principalmente onde jamais deveria existir) nas Academias Científicas, é uma aversão quase que generalizada pela aprendizagem da filosofia. Aversão está que vem tutelada pelas mais absurdas justificativas. Alguns atribuem ao Mestre o desinteresse próprio, outros no ápice da ignorância dizem que para nada serve, alguns nem querem mais estar nas aulas e por aí vai. No entanto, voltando em Piageté perfeitamente compreensível esta desmotivação pela disciplina. Pois nem todo tem propriedade orgânica adequada para absolver as delícias intelectuais que a Filosofia dispõe.

Por fim, há que se dizer que a esperança se torna um atenuante para o desastre eminente que se avizinha daquele que se esquia desta disciplina. Logo, a esperança pode residir em inúmeros recursos, no caso deste autor, ela estava condicionada a leitura da obra “Categorias de Aristóteles”. Ou seja, o contato com esta obra mudou em 360º a visão que tínhamos desta coisa denominada Amor ao Conhecimento. Por outro lado, é necessário buscar um modelo aplicado de ensino, onde se possa resgatar a aptidão discente para a aprendizagem dos preceitos da Filosofia.

Embora não seja fácil, dado a essência desta disciplina que, por impor ao homem uma condição de ética e moral de rara existência, tem afastado de seu caminho aqueles os quais não se dispõem a estritas observações desses preceitos. Entretanto, aos que mais cedo saírem da caverna e se depararem com a

realidade contida na substancia desta ciência, obviamente se encontrará com a completude do verdadeiro saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **FILOSOFANDO: introdução à Filosofia**. São Paulo:Moderna,1993.

ARISTÓTELES. As categorias. Traduzido por Maria José Figueiredo: Gráfica Manuel Barbosa e Filhos Ltda,2000.

BRASIL. Lei 9394,de 20 de dezembro de 1996.Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

KLEINA, Claudio; **RODRIGUES**, Karine Smaka Barbosa. **METODOLOGIA DA PESQUISA E DO TRABALHO CIENTÍFICO**. 1ª edição – Curitiba, PR: IESDEBRASILS/A,2014.Disponível em:www2.camara.leg.br.acesso em 18/10/2015.

PIAGET, Jean. **SABEDORIAS E ILUSÕES DA FILOSOFIA**. São Paulo: Editora Difusão, 1969.

RUSSEL, Bertrand Arthur William A **FILOSOFIA ENTRE A RELIGIÃO E A CIÊNCIA**, traduzido por Iulo Feliciano Afonso, Maria Cecilia Figueiredo, Valeria de Fatima. Editora FUNPC,2009,Rio de Janeiro.

VYGOTSKY, L. S. **A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE**. 4ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.